

ANÁLISE ESTRATÉGICA

O Avanço dos Sem Religião:

Brasil e EUA em Perspectiva Comparada

*O que os dados do IBGE e do Pew Research Center revelam
sobre a transição religiosa e o futuro do ministério cristão*

Carlos Magalhães

Diretor de Estratégias Digitais | [sociedadetecnologica.com](#)

Março de 2026

Introdução

Há algumas décadas, a ideia de que uma pessoa pudesse se apresentar publicamente como "sem religião" soava como uma excentricidade intelectual restrita a meios acadêmicos ou a círculos urbanos de elite. Hoje, esse grupo não apenas existe com nome próprio, ele cresce em ritmo consistente em todo o mundo ocidental, e o Brasil não é exceção.

Nos Estados Unidos, os chamados nones (os sem afiliação religiosa) ultrapassaram os 30% da população e se tornaram, estatisticamente, o maior "grupo religioso" americano, superando individualmente tanto católicos quanto protestantes. No Brasil, o fenômeno segue trajetória semelhante, mas com uma defasagem de algumas décadas e especificidades culturais próprias.

Este artigo examina os dados mais recentes disponíveis, incluindo o Censo Demográfico 2022 do IBGE e a pesquisa do Pew Research Center de 2024, para compreender a extensão, o perfil e as implicações estratégicas desse fenômeno para líderes cristãos e instituições religiosas no Brasil.

1. O Fenômeno Americano: Um Espelho do Futuro?

1.1 De minoria curiosa a maioria silenciosa

No início do século XX, o número de americanos sem afiliação religiosa era estatisticamente irrelevante, inferior a 5% da população. A transformação começou a ganhar velocidade na segunda metade dos anos 1990 e se acelerou dramaticamente nas primeiras duas décadas do século XXI.

Pesquisas do Pew Research Center documentam essa inflexão com precisão. Em 1972, apenas 5% dos americanos se declaravam sem religião. Em 2007, esse número havia chegado a 16%. Em 2020, ultrapassava 26%. Projeções mais recentes indicam que hoje o grupo supera 30% da população adulta americana, tornando-se a categoria individual mais numerosa quando o universo religioso é fragmentado por denominação.

"Os nones não são necessariamente ateus. A maioria acredita em algo. O que rejeitam é a instituição, não a espiritualidade.", Pew Research Center

1.2 Quem são os nones americanos?

O perfil demográfico dos sem religião nos EUA oferece pistas importantes para o contexto brasileiro. Trata-se de um grupo predominantemente jovem, Millennials e Geração Z representam o núcleo duro do crescimento, com maior concentração no Nordeste e na Costa Oeste, e com níveis de escolaridade acima da média nacional.

Pesquisas qualitativas revelam que a maioria dos nones americanos não é composta por ateus convictos. Muitos se identificam como "espirituais, mas não religiosos", mantendo crenças difusas em algo transcendente, mas recusando a mediação institucional. Esse dado é estrategicamente relevante: a desafiliação, na maioria dos casos, precede em anos ou décadas a declaração formal ao censo.

1.3 Por que as igrejas americanas foram pegas de surpresa

Um dos aspectos mais instrutivos do caso americano é o fato de que a liderança das principais denominações subestimou, por décadas, a velocidade e a profundidade da mudança. Enquanto os bancos ainda estavam razoavelmente cheios nos anos 1980 e 1990, o processo de desafiliação já estava em curso silenciosamente. Quando os números se tornaram inequívocos, muitas denominações já haviam perdido uma geração inteira.

A lição para o Brasil é precisa: o dado do censo é sempre uma fotografia do passado. A tendência real está sempre à frente dos números oficiais.

2. O Brasil em Transição Religiosa

2.1 De 0,2% a 15%: uma trajetória em aceleração

O ponto de partida no Brasil é quase irônico em sua modéstia. Em 1940, apenas 0,2% da população brasileira se declarava sem religião, um número tão pequeno que dificilmente mereceu destaque nos análises da época. O Brasil era, na prática, um país monorreligioso: católico por herança colonial, por cultura e por identificação quase automática.

O que aconteceu nas décadas seguintes foi uma transformação gradual, mas inexorável. O Censo 2022 do IBGE confirma a continuidade da tendência:

9,3%

Brasileiros sem religião em 2022

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2022, 16,4 milhões de pessoas

O dado do IBGE, porém, pode subestimar a realidade. A pesquisa do Pew Research Center, realizada em 2024 com metodologia diferente da censitária, indica um percentual já próximo de 15%, sugerindo uma aceleração relevante no período pós-pandemia.

2.2 Os quatro movimentos da transição religiosa brasileira

A transformação do campo religioso no Brasil não se resume ao crescimento dos sem religião. Ela se articula em quatro movimentos simultâneos que se alimentam mutuamente:

- Declínio absoluto e relativo do catolicismo: de 65,1% em 2010 para 56,7% em 2022 (IBGE), com projeções apontando para menos de 40% até meados do século.
- Crescimento evangélico: de 21,6% para 26,9% no mesmo período, com desaceleração recente segundo o Pew 2024.
- Expansão das religiões afro-brasileiras e do espiritismo: ainda numericamente menores, mas em crescimento consistente.
- Aumento dos sem religião: de 0,2% em 1940 para potencialmente 15% em 2024, com projeções chegando a 12-15% até 2049 nos cenários mais conservadores.

O resultado é um campo religioso progressivamente mais fragmentado, mais plural e mais competitivo, cenário inédito na história de um país que foi, por 400 anos, efetivamente um monopólio católico.

2.3 O perfil dos sem religião no Brasil

Compreender quem são os brasileiros sem religião é fundamental para qualquer estratégia ministerial ou missiológica. Os dados disponíveis revelam um perfil consistente:

- Gênero: predominantemente masculino, 56,2% dos sem religião são homens, representando 9,2 milhões de pessoas.
- Faixa etária: maior concentração entre 20 e 24 anos, com presença expressiva entre jovens de 15 a 29 anos.
- Geografia: Região Sudeste concentra 10,6% de sem religião, acima da média nacional. Rio de Janeiro e Roraima lideram com 16,9% cada. Nordeste registra os menores percentuais.
- Escolaridade e urbanização: correlação positiva entre maior nível educacional, vida urbana e desafiliação religiosa.

Esse perfil, jovem, urbano, masculino, tem implicações diretas para a estratégia ministerial. A perda dos homens jovens das igrejas cristãs é um fenômeno documentado tanto nos EUA quanto, de forma crescente, no Brasil. Quando essa geração forma família, a tendência de criação religiosa dos filhos é dramaticamente menor.

3. Brasil vs EUA: Comparação Direta

3.1 Semelhanças estruturais

Apesar das diferenças culturais e históricas significativas, a trajetória dos sem religião nos dois países apresenta semelhanças estruturais que merecem atenção:

- Em ambos os casos, o crescimento é mais forte entre jovens urbanos com maior nível educacional.
- Em ambos, a desafiliação institucional precede em anos a declaração formal ao censo, o que significa que os números oficiais sempre subestimam a realidade em curso.
- Em ambos, a maioria dos sem religião não é atea, mantém crenças espirituais difusas, mas rejeita a mediação institucional.
- Em ambos, o crescimento é constante e não apresentou reversão significativa em nenhum período documentado.

3.2 Diferenças fundamentais

As diferenças, no entanto, são igualmente importantes para não superestimar o ritmo da transformação no Brasil:

- Ponto de partida: o Brasil começa de um nível de religiosidade muito mais alto. Um país que tinha 0,2% de sem religião em 1940 tem uma cultura religiosa profundamente enraizada que funciona como contrapeso ao crescimento secular.
- Velocidade: paradoxalmente, o Brasil parece estar crescendo mais rápido proporcionalmente que os EUA nas últimas décadas, mas a partir de uma base muito menor.
- Composição do crescimento: nos EUA, o crescimento dos nãoes veio principalmente de ex-protestantes. No Brasil, a origem é majoritariamente o catolicismo nominal, pessoas que já eram católicas mais por herança cultural do que por convicção ativa.
- Papel do pentecostalismo: o Brasil tem um movimento evangélico pentecostal altamente dinâmico que funciona como "rede de contenção" para potenciais desafiliados, algo que teve menos equivalente nos EUA nas fases iniciais da transformação.

Critério	Estados Unidos	Brasil
% sem religião (atual)	~30%+	~15% (Pew 2024)
% sem religião (1940/início)	~5%	0,2%
Velocidade de crescimento	~0,7% ao ano	~1,0-1,5% ao ano
Grupo etário mais afetado	Millennials e Gen Z	18–29 anos
Gênero predominante	Levemente feminino	Masculino (56,2%)
Região de maior concentração	Nordeste dos EUA e Costa Oeste	Sudeste (RJ e SP)
Maior religião atual	Protestantes (individualmente)	Católicos (56,7%)
Tendência projetada	Estabilização em ~35%	Crescimento para ~12-15% até 2050

3.3 O que o Brasil pode aprender com o caso americano

O maior ensinamento do caso americano para o contexto brasileiro pode ser resumido em uma frase: o processo é mais rápido do que parece e mais difícil de reverter do que se imagina.

Denominações americanas que reagiram com agilidade, investindo em relevância cultural, em formação de lideranças jovens e em presença nos espaços onde as novas gerações habitam, têm resistido melhor à maré. As que permaneceram em modo de negação, ou que responderam ao fenômeno exclusivamente com apelos ao conservadorismo cultural, continuam perdendo terreno.

4. Causas e Dinâmicas do Crescimento

4.1 Secularização ou pluralização?

Um debate importante nas ciências da religião é se o crescimento dos sem religião representa um processo de secularização (declínio da religiosidade em si) ou de pluralização (redistribuição entre um espectro mais amplo de opções). A evidência disponível para o Brasil sugere que ambos os fenômenos operam simultaneamente, mas com intensidades diferentes por segmento populacional.

Para as camadas mais jovens e mais escolarizadas das grandes metrópoles, há evidências de secularização genuína, pessoas que simplesmente não encontram lugar para a religião em sua visão de mundo. Para uma parcela maior dos sem religião brasileiros, porém, trata-se de uma rejeição da instituição específica, não da espiritualidade em si.

4.2 Fatores estruturais

Pesquisadores identificam um conjunto de fatores estruturais que explicam a trajetória ascendente dos sem religião no Brasil:

- Urbanização acelerada: o ambiente urbano fragiliza os laços comunitários que sustentam a prática religiosa regular.
- Escolarização crescente: a expansão do ensino superior está correlacionada, globalmente, com menores taxas de afiliação religiosa formal.
- Individualização das crenças: a tendência contemporânea de construção de espiritualidades personalizadas, fora de qualquer estrutura institucional.
- Crise de credibilidade institucional: escândalos financeiros e morais em diversas denominações aceleraram processos de desconfiança que já estavam em curso.

- Digitalização: o acesso irrestrito a informação e a comunidades de questionamento online remove barreiras que antes mantinham dúvidas em silêncio.

4.3 O fator pandemia

Há evidências crescentes de que a pandemia de COVID-19 funcionou como acelerador do processo de desafiliação no Brasil. O fechamento de templos por meses forçou uma separação prática entre o fiel e sua comunidade religiosa. Para aqueles cuja prática religiosa já era mais nominal do que convicta, essa separação se tornou permanente.

Isso explicaria parcialmente a discrepância entre os 9,3% do Censo 2022, que utiliza dados coletados ainda no contexto pandêmico, e os 15% apontados pelo Pew Research Center em 2024.

5. Projeções: Para Onde Vai o Brasil?

5.1 Os cenários disponíveis

As projeções para o campo religioso brasileiro dependem de premissas sobre velocidade de crescimento. Com base nos dados disponíveis, três cenários são plausíveis para 2050:

- Cenário conservador (ritmo do IBGE): os sem religião atingem 12-13% da população, crescimento real, mas ainda bem abaixo dos EUA atuais.
- Cenário intermediário (aceleração moderada pós-pandemia): chegada a 18-22% até 2050.
- Cenário acelerado (ritmo Pew 2024): se a tendência de 1,0-1,5% ao ano se mantiver, o Brasil poderia se aproximar de 25-30% até meados do século.

A grande batalha demográfica no horizonte imediato, porém, não é entre crentes e descrentes. É entre católicos e evangélicos, com projeções que apontam para uma ultrapassagem histórica dos evangélicos sobre os católicos entre 2034 e 2049.

5.2 A variável geracional

O dado mais preocupante para líderes cristãos não é o percentual atual de sem religião, é a composição etária desse grupo. Uma população de desafiliados concentrada nas faixas de 20 a 30 anos tem implicações geracionais profundas: quando essas pessoas constituírem família, a probabilidade de transmissão religiosa para os filhos cai dramaticamente. O fenômeno se autoalimenta.

Nos EUA, pesquisadores documentaram que mais da metade dos adultos sem religião foram criados em famílias religiosas. No Brasil, essa dinâmica ainda está em seus estágios iniciais, mas a trajetória é clara.

6. Implicações para Líderes e Igrejas

6.1 Reconhecer o fenômeno sem catastrofismo

O primeiro imperativo estratégico para lideranças cristãs é reconhecer o fenômeno em sua real dimensão, nem subestimá-lo por conforto institucional, nem superestimá-lo a ponto de paralisar. O Brasil ainda é um país profundamente religioso. Mas os dados apontam, inequivocamente, para uma direção.

6.2 Distinguir desafiliação de irreligiosidade

A maioria dos sem religião brasileiros não rejeita Deus. Rejeita a instituição. Esse dado é simultaneamente desafiador e esperançoso: significa que há espaço para o Evangelho, mas que as formas tradicionais de apresentação e comunidade precisam ser revisitadas.

"Muitos que saíram não rejeitaram a fé. Rejeitaram a versão da fé que encontraram."

6.3 Repensar a presença digital e urbana

O perfil dos sem religião, jovens, urbanos, conectados, é exatamente o perfil das pessoas que mais habitam o ambiente digital. Igrejas e ministérios que compreendem a presença digital não como marketing, mas como missão, têm maior potencial de alcançar esse grupo.

O mesmo vale para a presença urbana: igrejas que se posicionam de forma inteligente no tecido das cidades, nas universidades, nos espaços de cultura, nos ambientes profissionais, têm maior probabilidade de encontrar as pessoas que se desligaram das formas tradicionais de religiosidade.

6.4 A urgência da formação para pastores

Por fim, o fenômeno exige que a formação ministerial incorpore, de forma sistemática, a leitura de dados culturais e sociológicos. O pastor que não compreende a transição religiosa de sua geração não tem as ferramentas necessárias para exercer ministério com relevância no Brasil das próximas décadas.

A boa notícia é que o Brasil ainda não está onde os EUA estão. A má notícia é que, como o caso americano demonstra, o relógio não para, e o melhor momento para agir foi ontem.

Conclusão

O crescimento dos sem religião é um dos fenômenos mais significativos da cultura ocidental contemporânea. Nos EUA, já ultrapassou 30% da população. No Brasil, está entre 9% (IBGE 2022) e 15% (Pew 2024), com trajetória ascendente consistente ao longo de oito décadas.

A comparação entre os dois países revela que o Brasil segue uma rota similar à americana, com uma defasagem de algumas décadas, mas possivelmente com velocidade maior em determinados segmentos. O perfil dos sem religião, jovem, urbano, masculino, e a dinâmica de desafiliação silenciosa que precede o abandono formal são elementos que pedem atenção estratégica urgente de líderes e denominações.

Este não é um momento para alarme, é um momento para discernimento. As igrejas que compreenderem a transição cultural em curso, e que responderem com criatividade ministerial, rigor teológico e presença genuína nos espaços onde as pessoas realmente vivem, estarão bem posicionadas para o ministério nas próximas décadas. As que negarem os dados continuarão se perguntando, nos próximos anos, onde foi o seu rebanho.

Fontes e Referências

- IBGE. Censo Demográfico 2022: Religiões, Resultados Preliminares da Amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- Pew Research Center. Religious Landscape Study: Latin America. Washington, D.C.: Pew Research Center, 2024.
- Alves, José Eustáquio. "A dinâmica demográfica e espacial e a transição religiosa no Brasil." Ecodebate, 2025.
- Alves, José Eustáquio. "O declínio do catolicismo na América Latina e a transição religiosa no Brasil." Vila de Utopia, 2026.
- Vieira, A. N. de C. "Os sem religião no Brasil: um estudo sobre o crescimento dos irreligiosos no país de 1940 a 2010 e possível cenário para 2050." Caderno Teológico da PUCPR, v.7, n.2, 2023.
- Cortez, Henrique. "Censo 2022: Crescimento de sem religião favorece a laicidade nacional." EcoDebate / IHU Unisinos, junho 2025.